



*Alexandra Sá Pinto*

*Alexandre Quintanilha*

*Alice Vieira*

*A. M. Galopim de Carvalho*

*António Mega Ferreira*

*António Piedade*

*Carlos Fiolbais*

*Carmen Dolores*

*Constança Providência*

*Desidério Murcho*

*Edite Estrela*

*Fernando Catarino*

*Francisco Pinto Balsemão*

*George Stilwell*

*Irene Flunser Pimentel*

*J. Pinto da Costa*

*João Canijo*

*João César das Neves*

*João Dória Nóbrega*

*João Fernandes*

*João Ferreira do Amaral*

*Jorge Buescu*

*Forge de Oliveira e Sousa*

*José Afonso Furtado*

*José Barata-Moura*

*Laura Ferreira dos Santos*

*Luciano Amaral*

*Luciano Carvalho Marmelada*

*Luís Azevedo Rodrigues*

*Luís Portela*

*Manuel Paiva*

*Maria da Assunção A. Esteves*

*Mário Cordeiro*

*Miguel Godinho Ferreira*

*Miguel Peres Correia*

*Nuno Lobo Antunes*

*Paulo Maurício*

*Pedro Veiga*

*Pedro Viterbo*

*P.<sup>o</sup> Peter Stilwell*

*Rita Campos de Carvalho*

*Teresa Costa Santos*

*Teresa Lago*

*Teresinha Simões*



## Porque é que os pais não sabem responder a todas as perguntas?

Em primeiro lugar, porque as perguntas são muitas e nem todas têm resposta. Essa é a verdade. Mas também pouco interessa, porque mais importante é saber perguntar. E, a seguir, saber procurar a resposta à questão que se formulou.

Tive um amigo que todos os dias fazia um exercício de humildade: pegava num objeto e interrogava-se como tinha sido feito, com que material, em perguntas cada vez mais difíceis até não saber a resposta. Nesse ponto, parava e ia estudar. Desta forma, aprendia todos os dias uma coisa nova. Um exemplo:

Pergunta: Este objeto é um...?

Resposta: Copo.

Pergunta: O copo é feito de...?

Resposta: Vidro.

Pergunta: De onde vem o vidro?

Resposta: Do aquecimento a alta temperatura de sílica, que se encontra na areia.

Pergunta: De onde vem a areia?

E assim sucessivamente...

Não sei se toda a gente tem alguém que admire muito. Eu tenho e chamava-se Richard Feynman. Este senhor era

um físico que trabalhou com Einstein e que ganhou o prémio Nobel. Além disso, era muito divertido. Viveu no Brasil, onde tocava pandeireta numa escola de samba e se mascarava no Carnaval, coisas que achamos que os cientistas importantes nunca fazem. Escreveu um livro onde disse que, nesse tempo, até bebia de mais, mas parou porque estava a estragar a sua máquina de perguntas, que era o cérebro. Uma vez ele disse uma coisa memorável: «Ser cientista é acreditar que os especialistas são ignorantes!» O que ele queria dizer é que nunca devemos considerar uma resposta como sendo definitiva, porque o tempo poderá vir a mostrar que estamos equivocados. Assim, mesmo aqueles que julgamos que sabem tudo poderão estar enganados.

Vivi muitos anos em Nova Iorque, que é uma cidade onde toda a gente faz perguntas e procura as respostas. Quando acabei o meu curso de Medicina, o professor mais importante disse-me uma coisa extraordinária: «Metade do que te ensinámos é mentira, mas eu tenho um problema: não sei que metade é essa!» A lição é, mais uma vez, a de que nunca ninguém pode afirmar com toda a segurança que tem a resposta correta, mas todos devemos ir à procura dela. Se calhar, é mais importante fazer a pergunta certa do que saber muitas coisas.

Fico muito contente quando alguém afirma exatamente o contrário do que eu acredito saber. Pode parecer estranho, mas não é. Se essa pessoa tiver razão, eu aprendi uma coisa nova e fico mais rico, não em dinheiro mas em conhecimento ou sabedoria.

A propósito: a sabedoria é mais importante do que o conhecimento. A Internet está repleta de conhecimento ou informação, mas não tem sabedoria, pois a sabedoria depende de aplicar o que se sabe de acordo com as circunstâncias e, depois, de pesar muito bem na nossa cabeça qual a informação mais importante. Há quem acredite que a sabedoria só chega depois de termos feito um número razoável de disparates, o

que nos leva a outro ponto: não saber ou fazer mal é o primeiro passo para se saber ou fazer bem.

O meu pai dizia-me muitas vezes que a experiência não é o que nos acontece, mas o que fazemos com o que nos acontece. Ele queria que eu aprendesse com as asneiras, que é uma boa maneira de aprender quando elas não são muito graves.

Os pais que não sabem tudo são os melhores, porque são os que ainda querem aprender, e por isso estão mais perto das crianças. Tenho duas filhas pequenas, apesar de já ter quase sessenta anos. Uma delas espantou-se de eu ser o pai mais velho de todos os pais da turma dela. A mais nova explicou-lhe que isso não tinha importância, porque eu tinha a «memória da infância». Ela queria dizer que eu me lembrava de como era em criança, e quem se lembra de como era em criança não envelhece. Eu acho que ela tem razão, e é uma boa resposta à pergunta: a partir de que idade se é velho? A resposta que ela deu foi: quando deixamos de nos lembrar como é ser criança.

Vemos assim que o conhecimento se veste de roupas diferentes. Pode-se saber fazer contas, que é uma coisa que se faz com a cabeça, e às vezes com a ajuda dos dedos. Mas também se pode conhecer com o coração, que é o que acontece quando perguntamos a alguém: «Estás triste?», e intuímos logo a resposta, porque é o coração que percebe essas coisas.

Não tem importância se um pai não sabe todas as respostas da cabeça, porque conhece de certeza todas as respostas que são dadas com o coração. Eu, pelo menos, acho que é assim. E sei que não estou enganado.

**Nuno Lobo Antunes**

## Alexandre Quintanilha



*O Alexandre com a mãe*

Alexandre Quintanilha nasceu e passou os primeiros 24 anos da sua vida em África (primeiro em Lourenço Marques, depois em Joanesburgo). Nos 20 anos seguintes esteve em Berkeley, Califórnia. Há 22 anos que está no Porto. Formou-se em Física e Matemática, doutorou-se em Física Teórica, dedicando-se depois a perceber os efeitos do *stress* nos seres vivos. Atualmente interessa-se pela compreensão e comunicação do risco. Criou vários centros de investigação interdisciplinares em Berkeley e no Porto. Dirigiu vários grupos de trabalho a nível internacional e formou dezenas de doutorandos. Tem perto de uma centena e meia de trabalhos publicados em revistas internacionais. Os seus passatempos incluem a jardinagem e conhecer os parques naturais por esse mundo fora.

## Alice Vieira



Alice Vieira é uma das mais importantes escritoras portuguesas para jovens, com grande projeção nacional e internacional. Nasceu em 1943, em Lisboa, licenciou-se em Germânicas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e seguiu carreira no jornalismo profissional. Publica regularmente desde 1979, contando já com uma vasta bibliografia várias vezes premiada. Foi distinguida com, entre outros, o Prémio de Literatura Infantil Ano Internacional da Criança, o Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura Infantil e, pelo conjunto da sua obra, com o Grande Prémio Gulbenkian.

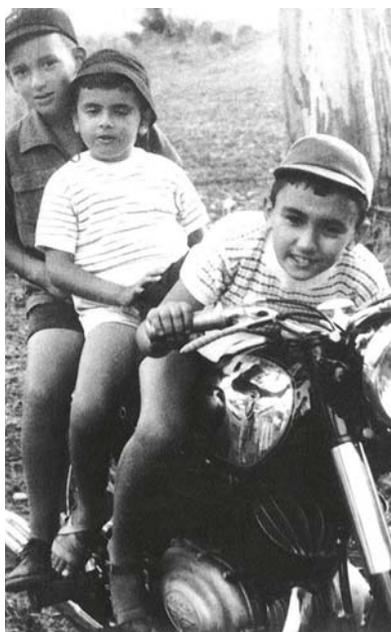
## A. M. Galopim de Carvalho



*O António, à esquerda, com os irmãos*

A. M. Galopim de Carvalho é doutorado em Geologia e professor catedrático jubilado da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. É autor de vasta bibliografia científica, de divulgação e de ficção. Foi diretor do Museu Nacional de História Natural, a partir do qual continua a desenvolver ações de divulgação, salvaguarda e valorização do património geológico nacional.

## António Mega Ferreira



*O António, aos sete anos, ao volante de uma Norton*

Escritor, gestor e jornalista, nasceu em Lisboa em 1949. Foi jornalista no *Expresso*, RTP2, *O Jornal* e *JL*. Fundou as revistas *Ler e Océanos*. Chefiou a candidatura de Lisboa à Expo'98 e foi comissário executivo da exposição mundial. De 2006 a 2012, foi presidente da Fundação Centro Cultural de Belém. Tem cerca de três dezenas de títulos publicados, entre ficção, poesia, ensaio e crónica, tendo sido distinguido com o Grande Prémio Camilo Castelo Branco pela recolha de contos *A Expressão dos Afectos*. Entre as suas obras mais recentes contam-se *Macedo – Uma biografia da infâmia* e *Cartas de Casanova – Lisboa 1757*.

## Agradecimentos

Este projeto partiu de uma ideia acompanhada de duas incógnitas. A ideia era a de recolher perguntas, dúvidas, perplexidades, de crianças dos seis aos doze anos de idade, em diversos domínios do conhecimento: as Artes e a Língua Portuguesa, a História, a Filosofia e a Religião, as Novas Tecnologias e os Media, a Saúde e os vários ramos da Ciência, a Política, a Economia, a Cidadania e a Solidariedade. Com esse fim em vista, construímos um site, [www.portoeditora.pt/trocadopormiudos](http://www.portoeditora.pt/trocadopormiudos), que divulgámos junto de escolas, professores e alunos.

A primeira incógnita era a de saber se conseguiríamos suscitar o interesse e o entusiasmo das crianças, pois sem eles o projeto não poderia avançar. Nas nossas previsões mais otimistas, contávamos receber 500 perguntas. Em dois meses, recolhemos mais de 1600, vindas de centenas de escolas de Norte a Sul do país.

A segunda incógnita prendia-se com o passo subsequente na concretização do projeto: encontrar especialistas das diferentes áreas que fossem ao encontro daquelas interrogações. Nessa altura, o plano inicial – de contactar 50 figuras de relevo da nossa sociedade que escolheriam uma só pergunta relativa à sua área de saber – depressa foi descartado, quando alguns autores propuseram responder antes a duas, a três, a cinco, a mais perguntas.

O entusiasmo das crianças, bem como dos pais e dos professores que então as acompanharam, encontrava assim

eco nos autores, que manifestaram extraordinária generosidade e vontade de partilha da sua sabedoria, a que veio juntar-se ainda a dedicação amiga das Aldeias de Crianças SOS, nesta parceria que com elas encetámos. A todos é devido um reconhecido agradecimento.

Editorialmente, tentámos dar no livro a justa proporção dos interesses das crianças, tal como eles se expressaram no nosso site. Assim se explica o destaque dado à Ciência (o domínio que recolheu maior número de perguntas), bem como a tópicos porventura considerados invulgares num livro infantojuvenil, ou por difíceis, como a morte, ou por polémicos, como o novo Acordo Ortográfico e, claro sinal dos tempos, a crise económica e social que o país ia atravessando. No entanto, a evidente necessidade de informação que essas perguntas recorrentes traíam não podia ser escamoteada; pelo contrário, se o livro servia algum intuito era precisamente o de incitar a perguntar, a perguntar outra vez, a perguntar melhor.

E assim, nesse verão quente em que o país sustinha a respiração e o livro ia crescendo graças a uma onda de entusiasmo, parecia comprovar-se o velho adágio que diz que tempos de turbulência trazem ao de cima o pior, mas também o melhor de nós. E não surpreendeu tanto que, pela mesma altura, tivesse sido uma jovem a enunciar a devida lição. No dia em que fez 16 anos, Malala Yousafzai, sobrevivente de circunstâncias trágicas, afirmou na ONU: «A educação é a única solução.»